

## ***“Quantas Línguas Falas?” - Plurilinguismo e Economia das Línguas; o Caso da Língua Portuguesa na China***

Rui Rocha\*

*Linguistic diversity is a resource whose value  
has been widely underestimated.*

*Peter Mühlhäusler<sup>1</sup>*

*For me, management is the creation  
of ethical means to achieve ethical ends.*

*Ian Mitroff<sup>2</sup>*

Com exceção do Canadá, a Economia das Línguas é um domínio da investigação recente, tanto na Europa como nos Estados Unidos da América. Trata-se de uma área de investigação que se interessa por compreender o impacto das variáveis linguísticas nas variáveis económicas.

Esta área de investigação tem vindo a centrar-se em cinco temas de reflexão essenciais<sup>3</sup>:

1.º - O conhecimento de uma ou mais línguas como fator determinante nos rendimentos de trabalho;

2.º - O impacto da intensificação do comércio internacional na difusão ou No declínio de determinadas línguas;

3.º - O impacto do investimento em línguas locais ou minoritárias na vitalidade de atividades económicas locais;

---

\* Director do Departamento de Programas Portugueses da Universidade da Cidade de Macau.

<sup>1</sup> Fill, Alwin; Mühlhäusler, Peter, eds. (2001). *The Ecolinguistics Reader*. New York: Continuum.

<sup>2</sup> Brown, T; Crainer, S ; Dearlove D; Rodrigues, J N (2002). *Business Minds*. Harlow: Financial Times, Prentice Hall.

<sup>3</sup> Grin, François (1999). *Recherche européenne en économie de la langue: résultats récents et pertinence pour le Canada, in Langues officielles et économie*. Ottawa: Ministère du Patrimoine Canadien. Nouvelles perspectives canadiennes.

4.º - A eficiência social e económica do plurilinguismo individual em sociedades plurilingues em relação ao custo generalizado dos serviços de tradução;

5.º - A análise de custo-benefício das políticas linguísticas adotadas pelos diferentes países.

O que subjaz na preocupação de todas estas temáticas de investigação é a importância do investimento nas competências multilinguísticas dos cidadãos por razões múltiplas: epistemológicas, cognitivas, ontológicas, económicas, éticas e de evidência prática.<sup>4</sup>

A escolha de uma segunda língua de estudo ou de trabalho pode ser, a nível individual, uma escolha consciente ou inconsciente.

As razões poderão ser várias: a ligação afetiva a uma determinada cultura diferente da sua, o valor “económico” dessa língua, em termos curriculares e de empregabilidade, a dupla partilha de uma identidade, ou outras.

Porém, a escolha de uma segunda língua de estudo e de trabalho como um bem coletivo corresponde a uma atitude política de um país ou de um governo, pois exige a alocação de recursos raros para o seu ensino-aprendizagem, em que se ponderam custos e vantagens. Por outras palavras, há um investimento consciente em capital humano porque se valoriza tal língua como um bem coletivo e se esperam efeitos reprodutivos, nomeadamente, no plano económico.

É através deste núcleo de ideias que poderemos avaliar o papel dos Estados e dos governos no domínio das suas políticas linguísticas e na importância que dedicam ao capital simbólico mais importante do Ser Humano que, mais do que o tornar capaz de comunicar com os seus culturalmente próximos, lhe permite tentar entender o mundo dos outros mundos culturais diferentes do seu.

A diversidade linguística é uma das grandes riquezas do Ser Humano. Mas muitos governantes de povos e de nações continuam a sonhar com uma língua comum, em que o imperialismo das ideias e das práticas seria a sequência natural. A este propósito dizia o filólogo português Fidelino de Figueiredo<sup>5</sup>: “O sonho de um latim universal ou [...], de um

<sup>4</sup> Rocha, Rui (2003). *Património Linguístico de Macau*. Comunicação apresentada no Seminário “Macau-Mundo da Lusofonia 2003”. Macau.

<sup>5</sup> Figueiredo, Fidelino (1973). *A luta pela liberdade de expressão*. S. Paulo: Cultrix.

esperanto, de um “basic english” é uma tendência multitudinária para o empobrecimento do espírito, é busca ansiosa de uma plataforma, onde se possam encontrar todos os pobres de espírito da Terra, a dizer banalidades estandardizadas”.

A generalização do uso de uma língua dominante nas atividades e nas trocas económico-financeiras de produção e de consumo de bens e serviços, é uma clara intenção política de unificação do mercado dos bens simbólicos que “acompanha a unificação da economia e, também, da produção e da circulação culturais” (Bourdieu<sup>6</sup>), que tem como princípio de base a eficácia da comunicação sem o recurso a um outro recurso, raro, que é a tradução.

A história das línguas hegemónicas está intimamente ligada à história das hegemonias económicas e políticas de uns países sobre os outros. Do lado da história das culturas europeias como a portuguesa, a espanhola, a francesa e a britânica, encontramos economias de expansão marítima que globalizaram o planeta e a língua de dominação, em espaços descontínuos; do lado da história das culturas a Oriente como a russa, a árabe e a chinesa, encontramos economias de expansão terrestre que globalizaram também a sua cultura e língua nos países contíguos às suas fronteiras físicas.

Todas estas línguas de dominação gozam ainda hoje do estatuto de superlínguas na galáxia das línguas vivas do planeta, segundo a terminologia dos sociolinguistas Louis-Jean Calvet<sup>7</sup> e Abram de Swaan<sup>8</sup>.

Hoje, a consciência social e cultural de muitos países e de grupos de cidadãos democráticos da comunidade internacional, reconhece que a nossa diversidade cultural e linguística é a nossa maior riqueza humana e a sua aceitação é um caminho incontornável para a construção de uma “Cultura para a Paz” e para a edificação, a partir dos bancos da Escola, do “Cidadão Planetário intercultural”. A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos são os “universais” possíveis de diálogo entre os povos na construção dessa “Cultura para a Paz”.

Para além de constituir uma forma salutar de combater uma certa tendência globalizante e mono culturalmente pobre, um *MacWorld* de

<sup>6</sup> Bourdieu, Pierre (1982). *Ce que parler veut dire: l'économie des changes linguistiques*. Paris: Fayard.

<sup>7</sup> Calvet, Louis-Jean (1999). *Pour une ecologie des langues du monde*. Paris: Plon.

<sup>8</sup> De Swaan, Abram (2001). *Words of the World*. Cambridge: Polity Press.

tendências e de gostos, conhecer uma segunda, terceira ou quarta línguas, permite adquirir a competência para a compreensão de um infindável número de características, de formas de pensar e de sentir, de costumes, muitos deles especiais e únicos de uma comunidade culturalmente diferente.

Mas, para além disso, conhecer uma outra língua concede-nos a possibilidade de integrar um novo universo de falantes e de interagir com eles, fazendo crescer exponencialmente uma multiplicidade de trocas (comerciais, investimentos, oportunidades profissionais, permuta de informação científica, cultural ou outra). As trocas comerciais e a língua foram sempre, de resto, parte integrante do mesmo processo e daí o valor (a utilidade) económica da língua.

A dimensão de uma determinada comunidade linguística tem, naturalmente, relevância na escolha das línguas a aprender, mas não é o único fator que determina o valor económico de uma língua. Línguas com estatuto oficial, como a Bahasa Indonésia, a Hindi ou a Bengali, confinadas a espaços geopolíticos com universos de falantes superiores a 100 milhões, podem, porventura, não ser uma escolha atrativa, dados os níveis de desenvolvimento socioeconómico que caracterizam tais espaços e o grau de desenvolvimento de relações económicas desses espaços com outros espaços económicos.

Veja-se, por exemplo, o caso do *boom* de procura, nos anos 80, da aprendizagem da língua e da cultura japonesas relativamente à língua chinesa nas universidades americanas, quando o mundo académico e empresarial se começou a interessar pelo milagre económico japonês e pelos modelos japoneses de gestão empresarial. Essa procura era 400% superior à procura da língua e da cultura chinesa quando o Japão pouco mais tinha de 120 milhões de habitantes contra a China com mais de 1 milhar de milhão de habitantes.

Como André Breton<sup>9</sup> enfatiza, aprendizagem de uma segunda ou terceira língua é uma decisão pessoal que representa um enriquecimento

---

<sup>9</sup> Breton, André (1999). *Réflexions sur certains aspects économiques du bilinguisme. Langues officielles et économie*. Ottawa: Ministère du Patrimoine Canadien. Nouvelles perspectives canadiennes: “learning a second or third language is a personal decision that represents an intellectual and cultural enrichment. Social bilingualism is a matter of political will and commitment by the community. Through such a community initiative, learning a language can be converted into economic capital, and proficiency in this regard can be a financially profitable orientation”

intelectual e cultural. Bilinguismo social é uma questão de vontade política e compromisso da comunidade. Através de tal iniciativa comunitária, aprendizagem de uma língua pode ser convertido em capital econômico, e proficiência, nesse sentido, pode ser uma orientação financeiramente lucrativo.

O conhecimento de várias línguas é um pressuposto para o sucesso no comércio internacional. Convém lembrar que muitos tratados e acordos, mesmo que firmados em língua inglesa, são quase sempre preparados e as negociações bilaterais são, em regra, conduzidas nas línguas maternas das partes em diálogo.

Por isso, não é estranho ao mundo empresarial internacional a análise de custo-benefício do investimento nas competências “bilinguismos” e de “comunicação” intercultural dos seus quadros expatriados, e o reflexo positivo desse capital humano no desenvolvimento dos seus serviços e produtos.

Trata-se, afinal, do aprofundamento de mais um segmento do “turning point”<sup>10</sup> de reformulação dos quadros conceptuais de referência da economia e do sistema empresarial mundial em que se começa a reconhecer que praticar o “management”, e muito particularmente, o “management” em contextos multiculturais diversos, é, sobretudo, um ato de cultura e não uma mera manipulação de tecnologias ou de práticas de gestão, da chamada era PPC (*PowerPoint Culture*).

É, por outro lado, a aprendizagem da gestão de uma nova ética social na economia e na gestão empresarial que tenta integrar nas suas práticas os valores e as consequências sociais do pluralismo humanista, linguístico e cultural, assentes nos princípios da responsabilidade social da boa capacitação e gestão das pessoas, enquanto sujeitos do processo produtivo e não recursos e, muito menos, objetos, mas também na boa leitura do discurso ambiental, ou seja, das forças que influem e justificam a existência da unidade produtiva que se administra.

---

<sup>10</sup> Ver Handy, C; Zohar, D; Trompenaars, F; Mitroff, I; Pfeffer, J; Ridderstråle, J; Edvisson, L; Ghoshal, S, in Brown, T; Crainer, S ; Dearlove D; Rodrigues, J N (2002). *Business Minds*. Harlow: Financial Times, Prentice Hall.

## O valor económico da língua portuguesa na China

*If one spoke Portuguese in Ceylon, one could be understood everywhere.  
Cornelius Jan Simonsz (Governador holandês no Ceilão, 1704)*

A presença da língua portuguesa na Ásia e, muito particularmente em Macau, resulta de ter sido, como se sabe, a língua franca de comércio da Ásia até finais do século XVIII, princípios do século XIX.

Tal presença da língua portuguesa na Ásia insere-se, como anteriormente se referiu no contexto histórico das línguas hegemónicas, intimamente ligada à história das hegemonias económicas e políticas de uns países sobre os outros.

É um mero acaso histórico perdurar tal presença em Macau desde há cerca de 500 anos, da mesma forma que é um acaso histórico os japoneses continuarem a utilizar a escrita chinesa (Kanji) desde o século V, numa complexa mas perfeita simbiose com as suas duas outras escritas “inventadas” no séc. VIII, o Hiragana e o Katakana, a partir da escrita chinesa. Tais acasos históricos resultaram de contactos, de trocas, mas também de inequívocos atos de dominação política, económica e cultural que, de um modo ou de outro, moldaram sociedades para novas formas de pensar e de viver.

E, se é verdade, que a história dos povos muitas vezes nos mostra a brutal ignomínia das relações de dominação e de exploração de uns sobre os outros e a imposição de padrões linguísticos e culturais perversos e estranhos à identidade cultural do outro, também é verdade que a história dos povos proporcionou, muitas vezes, de uma forma não consciente, a generosidade de abertura à coligação entre culturas. Há que avaliar e otimizar o sentido útil desses empréstimos ou permutas culturais.

Hoje em dia ninguém, tendo nascido em Macau ou estando aí a residir há largos anos, pensaria uma Macau sem o nome das ruas em Português, a par do Chinês, ou sem a presença dos edifícios classificados da cidade (que lhe dão uma traça diferente e única em toda a China) como o Largo do Senado, o Bairro de São Lázaro ou as Ruínas de São Paulo, a par do Templo da Deusa A-Má, da Deusa Kun Iam, de Na-Tchá ou de Tin Hau.

O interesse pelo ensino da língua portuguesa na China começou em 1961, quando foi criado o primeiro departamento de Português na famo-

sa Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, antigo Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim.<sup>11</sup>

Tal interesse reforçou-se consideravelmente logo após a independência das ex-colónias portuguesas de África.

Recordaria a criação do Centro de Cooperação Internacional para a Saúde, em Chengdu, na Província de Sichuan (a mais populosa província da China), que desde 1976 ensina PLE a médicos, enfermeiros e intérpretes – tradutores para irem trabalhar nos novos países de África.

No início dos anos 90, quando se tornaram regulares as reuniões do Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês, mais de 50% dos membros da delegação chinesa falava fluentemente Português. Na delegação portuguesa, apenas o intérprete-tradutor falava fluentemente a língua chinesa.

Porém, o grande *boom* de procura da aprendizagem da língua portuguesa na China deu-se a partir do ano 2005, quando a China viu crescer a sua economia em mais de 20% e teve a ver com a necessidade de contratar mediadores linguísticos para dialogarem com os promissores mercados do Brasil, de Angola e de Moçambique.

Na China, dominar a língua portuguesa gera empregabilidade, tanto nas relações da China com os países de língua oficial portuguesa, como dentro do próprio mercado interno chinês.

Recordaria, a este propósito, dois exemplos. O primeiro, refere-se às saídas profissionais de 13 jovens estudantes de Xangai, do Curso de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, que frequentaram o 3.º ano desse curso num estabelecimento de ensino superior público da RAEM, nos termos de um protocolo de cooperação assinado com esse objectivo.

Após a conclusão do seu curso de 4 anos, mais de 50% desses alunos obtiveram emprego pelo facto de dominarem a língua portuguesa: 4 trabalham em empresas brasileiras sediadas em Xangai, 2 são professores de Português e um é intérprete-radutor de um clube de futebol que tem jogadores brasileiros ao seu serviço. Outro ainda, é jornalista em Xangai e foi destacado para cobrir a chegada da seleção portuguesa a Macau, em 2002.

---

<sup>11</sup> *Língua portuguesa na China: Investir no futuro*, Suplemento do JL n.º 1067, ano XXXI Número 168 · 24 de agosto de 2011.

O segundo exemplo foi-nos dado por um vice-reitor de uma universidade de Cantão, afirmando que ao comparar as oportunidade entre um aluno licenciado em Estudos Ingleses e um aluno licenciado em Estudos Portugueses, o mercado de trabalho pagaria sempre um salário mais elevado - superior em mil renminbis ou mais - ao licenciado em Estudos Portugueses.

Actualmente, cerca de 19 universidades da China ministram ou cursos de licenciatura de Estudos Portugueses ou cursos livres, no entanto, hojeemdia é muito raro encontrar-se um profissional bilingue com formação em português-chinês disponível no mercado de trabalho de Cantão, de Pequim ou de Xangai.

## Conclusão

A explicação para o fenómeno da procura crescente da língua portuguesa em Macau e na China, assenta numa das mais determinantes razões de ascensão e de queda das línguas: o seu valor económico. Por tal facto, a língua portuguesa em Macau e na China viu ascender significativamente, nos últimos 6 anos, o seu valor na bolsa de valores das línguas, bem como do aumento da procura para a sua aprendizagem em Macau e na China numa perspectiva inequivocamente pragmática de custo-benefício.

O 12º Plano Quinquenal<sup>12</sup> da República Popular da China, e as importantes medidas que aí consigna para a economia de Macau poderá vir a dar um novo incremento à procura da língua portuguesa na China, inaugurando uma nova era para o desenvolvimento futuro de Macau. Pela primeira vez, um plano quinquenal do Governo Central tem um capítulo exclusivo sobre Macau.

O Plano Quinquenal dá um sinal inequívoco de apoio ao desenvolvimento de Macau, ao instituir Macau como o Centro Mundial do Turismo e Lazer e ao propor, também, a aceleração do desenvolvimento de Macau como uma plataforma de serviços para a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> [http://www.asifma.org/uploadedFiles/Resources/PRC-12th-FYP\(1\).PDF](http://www.asifma.org/uploadedFiles/Resources/PRC-12th-FYP(1).PDF)

<sup>13</sup> PRC-12th-FYP, *ibidem*: “We support Macau’s construction of a world tourism and leisure center, and acceleration of the establishment of a commercial and trade cooperation and service platform between China and Portuguese-speaking countries.” (cap. 57,1)

Tal significa que a economia de Macau deve aprofundar a sua vocação de destino preferido para o comércio e investimento internacional e o novo ponto de referência para a realização de convenções e exposições dentro da China, proporcionando oportunidades de negócios.

Outro aspecto enfatizado pelo referido Plano Quinquenal é o da necessidade da diversificação da economia de Macau não apenas com o interior da China mas também com os países de língua portuguesa. São mercados emergentes que muito poderão contribuir para o desenvolvimento económico da China, da mesma forma como a China tem contribuído para o desenvolvimento económico desses países.

Neste contexto, Macau passará a ter um papel e uma responsabilidade cada vez mais relevante na mediação entre o Interior da China e os Países de Língua Portuguesa, em que a língua portuguesa é o instrumento privilegiado de mediação. O Fórum de Macau é a face visível dessa intenção do Governo Central da China.

